

# PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, COMUNIDADE E ESPAÇO ESCOLAR: RELAÇÕES DE ALIANÇAS, DE CONFLITOS E DE TRANSGRESSÕES

*Camila Faundes de Oliveira*

*Lisandra Oliveira e Silva*

## **Resumo**

*Este estudo trata-se de uma etnografia que aborda as relações interpessoais que ocorrem no ambiente escolar e os efeitos disso na apropriação dos espaços físicos pelos professores de Educação Física (EF) nas aulas de 5ª à 8ª séries. A pesquisa foi realizada na Rede Estadual de Ensino da cidade de Porto Alegre/RS com 4 professores de EF do Ensino Fundamental. Observamos que as relações estabelecidas pelos sujeitos na escola exerce influência na apropriação dos locais e dos materiais utilizados pelos professores de EF. Os docentes organizam-se no espaço escolar através dos acordos que firmam e dos conflitos que se envolvem.*

**Palavras-Chave:** Relações interpessoais, Espaço Físico, Educação Física.

## **PHYSICAL EDUCATION TEACHER, COMMUNITY AND SCHOLASTIC SPACE: RELATIONS OF ALLIANCES, CONFLICT AND TRANSGRESSIONS**

### **Abstract**

*This study it is an ethnography that addresses the interpersonal relationships that occur within the school environment and its effects on ownership of physical spaces by teachers of Physical Education (PE) in classes from 5th to 8th grades. The research was conducted in the State Schools of Porto Alegre / RS, with 4 PE teachers of elementary school. We observed that the relations established by the subjects at school influences on ownership of the sites and the equipment used by teachers of PE. Teachers are organized into the school around the agreements that have signed and conflicts that are involved.*

**Keywords:** interpersonal relations, Space Physics, Physical Education.

## **PROFESSOR DE EDUCACION FÍSICA, LA COMUNIDAD Y ESPACIO ESCOLAR: RELACIONES DE ALIANZAS, LOS CONFLICTOS Y TRANSGRESIONES**

### **Resumen**

*Este estudio es una etnografía que se ocupa de las relaciones interpersonales que se producen en el entorno escolar y sus efectos sobre la propiedad de los espacios físicos por los profesores de Educación Física (EF) las clases de 5 ° a 8 ° grados. La encuesta fue realizada en las Escuelas del Estado de Porto Alegre / RS, 4 profesores de EF de la escuela primaria. Observamos que las relaciones establecidas por los sujetos en la escuela influye en la propiedad de los sitios y los materiales utilizados por los profesores de educación física. Los profesores se organizan en la escuela a través de los acuerdos que han firmado y los conflictos que están involucrados.*

**Palabras Clave:** relaciones interpersonales, Espacio Físico, Educación Física.

## **1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

O presente estudo trata-se de uma etnografia educativa que aborda as relações humanas no interior da escola e tem por objetivo compreender os efeitos das relações interpessoais que ocorrem no ambiente escolar na apropriação dos espaços físicos pelos professores de Educação Física (EF) nas aulas de 5ª à 8ª séries

Este trabalho faz parte de uma investigação mais ampla realizada em uma escola estadual do município de Porto Alegre-RS, em que foi observado 4 professores de EF e teve como finalidade analisar o espaço físico escolar a partir do olhar dos próprios professores. Identificamos que as relações que os professores de EF estabelecem com a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários) tem um papel relevante na ocupação dos espaços pelos docentes. Assim sendo, propomos a seguinte questão para refletir acerca da problemática das relações humanas no contexto das condições materiais e de instalações das escolas: Como os professores de EF se apropriam da arquitetura escolar e de que maneira ela (de)limita a sua prática pedagógica?

## **2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

Para analisarmos a questão das “relações interpessoais” e sua influência na apropriação dos espaços físicos da escola utilizamos instrumentos que, segundo Triviños (2001), na pesquisa qualitativa, possuem certo grau de flexibilidade na formulação das questões de pesquisa: observação participante, entrevista semi-estruturada, diário de campo e a análise de documentos.

Foram observados 4 professores de EF que trabalhavam com as séries finais do Ensino Fundamental de uma escola estadual localizada no município de Porto Alegre-RS.

As observações das aulas dos professores de EF foram assistidas em diversos locais da escola durante um período de sete meses de trabalho de campo, como por exemplo: nas quadras, nos estacionamentos, no saguão, nas salas de aulas das turmas, na sala de EF, na rua.

Trata-se, portanto, de uma etnografia educativa e o processo metodológico utilizado no estudo foi de: observar um contexto particular (escola pública), registrar as informações em diário de campo, ouvir os docentes através das entrevistas, analisar os documentos dessa instituição, procurar apoio nos referenciais teóricos para, a partir disso, analisar minuciosamente os dados coletados de modo a refletir sobre eles no intuito de compreender as práticas pedagógicas do professorado de EF nas aulas de 5ª a 8ª séries.

## **3 O CONTEXTO DAS RELAÇÕES**

Durante o período que estivemos em campo, observando os professores de EF na escola investigada, pudemos perceber que todo o seu trabalho foi desenvolvido através de constantes relações interpessoais que estabeleceram entre os sujeitos desse universo particular. Assim sendo, a prática pedagógica dos referidos educadores é (re)construída a partir dos vínculos de amizade, de cumplicidade, de desconfortos, de resistências, de estranhamento, de isolamento, de descompromissos, de agressões, que

firmam permanentemente com o coletivo de professores da escola, com os alunos, com os funcionários, com os pais, dentre outros.

No mundo da escola ocorre, ainda, uma relação específica entre os sujeitos e a arquitetura escolar (estrutura física). Essa ligação é (re)significada a todo momento pelos seus integrantes e tem sentidos diferentes para aqueles que estão envolvidos neste espaço.

### 3.1 AS RELAÇÕES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM A COMUNIDADE ESCOLAR

A respeito do vínculo entre professores de EF com a comunidade escolar, Molina Neto (1998) observa que mesmo que ela seja cordial, é um relacionamento formal, consequência das características dessa área de conhecimento, sobretudo pelo lugar em que se desenvolve sua prática – dividem um espaço indefinido, pouco frequentado pelos demais professores, onde as atividades desenvolvidas pelos alunos em aula são diferentes da maioria das atividades “tradicionalmente” escolares.

Pudemos perceber que os professores colaboradores consideram ter um bom relacionamento na escola com aqueles com quem tem mais contato – professores e alunos. Os docentes alegam ter pouco vínculo com os pais e agregam esse fato ao pouco tempo que frequentam a escola, bem como pela falta de compromisso destes com as atividades escolares. Assim, a ligação que têm com os familiares, responsáveis por cada educando, fica resguardada a problemas ocorridos com seus filhos referentes a disciplina curricular. A escola parece não privilegiar o envolvimento de outras parcelas da comunidade no cotidiano do seu acontecer, assim o que chama atenção é o seu isolamento do exterior. De acordo com Dayrell (1996) os muros da escola demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar. A escola, assim, tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos.

Dentro da escola investigada parece haver outros “muros” que demarcam as relações internas entre os sujeitos e entre as áreas de conhecimento, entre os espaços de trabalho. Quanto a isso a professora Nádia aponta as dificuldades que encontra:

[...] **prejudica eu acho [que] um incentivo da escola** em relação as aulas de Educação Física, porque ainda hoje em dia, mesmo sabendo que é uma coisa que **é bom, é saudável, é importante, tem muita gente ainda dentro da escola que é contra**, então tu não tem muita união sabe, e isso aí é desmotivante (Profª Nádia, 22/09/08). [grifos nossos]<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os destaques feitos nas citações desse texto são das autoras com o objetivo de ressaltar trechos das entrevistas que julgamos importantes. Do mesmo modo, salientamos que os nomes dos docentes citados no decorrer desse texto são fictícios para preservar a identidade dos colaboradores.

O relato da professora parece estar circunscrito a um desejo de valorização positiva do seu trabalho docente na escola, dessa forma, ela recorre a uma visão mítica e generalista da EF sob o discurso da saúde no contexto escolar. O isolamento, segundo Molina Neto (1998) está relacionado com os aspectos específicos da disciplina, e também com preconceitos, atitudes e fatos que não foram resolvidos satisfatoriamente. Esses dilemas podem ter a ver com a forma como essa disciplina vem tentando se afirmar na escola, sem uma vinculação clara e direta com os objetivos e com a função dessa instituição.

Na escola investigada os professores de EF reconhecem as dificuldades de relacionar-se com os professores das demais áreas da escola, e associam a isso o fato de possuírem e utilizarem materiais e um espaço físico “diferente” das demais disciplinas como argumento pela falta de tempo que acabam tendo para frequentar o espaço coletivo da sala dos professores. Contraditoriamente, a mudança torna-se um desafio, na medida que aspiram obter o reconhecimento da sua importância docente.

### 3.2 AS RELAÇÕES ENTRE OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Molina Neto (1998) observou que a relação entre os professores de EF, nas escolas públicas de Porto Alegre, é próxima e franca, mas nem sempre harmoniosa.

Foi possível perceber que na escola pesquisada existe pouca interação entre o professorado de EF. Os professores aliam a falta de integração entre o coletivo à diferença de horários e turnos que frequentam a escola. Com relação ao tempo escolar, este parece não favorecer a troca, o diálogo e o encontro entre os pares. Estes momentos parecem ficar resumidos a reuniões e atividades de caráter burocrático.

Uma questão que gera desarmonia e provoca discordância e conflitos entre o coletivo da EF na escola em questão são as posturas e os privilégios dados a certos professores. O isolamento de um professor em específico é marcado pelo individualismo com que usufrui dos materiais e também do espaço. Os equipamentos e o ambientes escolares, neste caso, se tornam elementos de disputa de poder e de privilégios. Tal fato ajuda a reforçar o distanciamento entre os professores de EF gerando situações de desconforto e mal-estar entre os pares, contribuindo para um afastamento cada vez maior de um projeto coletivo de ensino, de modo a enfraquecer ainda mais a área, que de alguma forma, já é bastante frágil.

Esses conflitos nos relacionamentos entre o professorado de EF na escola investigada não são regra geral para todos. Existem duas professoras que convivem amistosamente na escola e fora dela. Elas dividem os espaços físicos, as aulas, e as concepções a respeito da disciplina quando trabalham nos mesmos dias e horários. Uma das professoras explica como essa relação é estabelecida: “[...] **a gente tem mais afinidade**, já é natural, a gente tem esse contato pra se organizar, **não só dentro da escola como fora, os outros é mais difícil**, é mais na escola” (Prof<sup>a</sup> Luisa, 01/09/08).

Observamos que as docentes têm uma relação mais compartilhada em consequência das afinidades que dividem, que pode ser de gostos, de costumes, como também específicas dos seus trabalhos docentes, como por exemplo, a ligação da EF com o treinamento que desenvolvem. Essa relação de cumplicidade pôde ser observada em diversas aulas em que as professoras trabalharam nos mesmos dias e horários na escola.

Foi possível perceber, através das anotações descritas em diário de campo, que as características das aulas e dos lugares utilizados pela professora Luisa se alteram nos dias em que seu horário coincide com os da sua colega de EF, quando esta última encontra-se na escola. Essa relação de cumplicidade entre as professoras parece gerar um descompromisso com as suas práticas docentes, pois as professoras acabam deixando a aula correr livre conforme as vontades dos alunos.

### **3.3 AS RELAÇÕES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM OS ALUNOS**

Os professores investigados consideram ter um bom relacionamento com os alunos nas aulas de EF, fruto da amizade que firmam no cotidiano escolar. De acordo com os docentes, essa afinidade auxilia no andamento das aulas.

Essa cumplicidade entre o professor de EF e o alunado, segundo Molina Neto (2008), aumenta ao longo da relação de ensino-aprendizagem e com a comunicação que se constrói através da linguagem oral e corporal. Parece-nos que há outros motivos por traz dessas alianças, como por exemplo: a falta de autoridade do professor, a falta de rigor com a sua prática, a licenciosidade em favor da resistência e o descompromisso com a sua prática em favor dos desejos dos alunos. Tais posturas do professor parecem ser tomadas nas aulas, por conta da dificuldade que tem de romper com uma representação de EF que se propaga nos cursos de formação e no imaginário coletivo sobre essa área de conhecimento: o apelo ao mito de que o professor de EF e esta disciplina devem dar/ser prazer/prazerosa, motivador/motivante, e “legais”.

Dessa forma, o professor busca planejar e desenvolver suas aulas pensando nesses fins e sente-se culpado quando esta não segue nessa direção abrindo mão do seu compromisso na escola. Para Resende (1994) é necessário superar a crença de que o critério de excelência de uma aula de EF escolar seja fornecido pelo tempo despendido com as atividades práticas, pela alegria exteriorizada pelos alunos e pelo nível de harmonia e aceitação destes. Uma aula implica em conflitos inerentes a qualquer forma de interação social.

Além do mais, no intuito e desejo de conseguir essa aula estigmatizada como “ideal”, ou seja, com atividades interessantes, com alunos motivados, os professores terminam curvando-se aos anseios dos educandos perdendo, dessa forma, a autoria pedagógica que caracteriza a profissão docente. Resende (1994) lembra que a postura do professor, apesar de ser afetiva nas relações com os alunos, deve ser diretiva, pois ele é o único responsável pela mediação dos conflitos escolares e sociais, criando um ambiente de reflexões e decisões superadoras das situações-problemas que surgem durante a sua prática pedagógica.

Nesta lógica de aula, os espaços físicos da escola, e em especial os específicos da EF, são delegados pelos professores aos educandos, quando aqueles sentem o desinteresse destes com a proposta da aula. Os alunos, então, passam a ser os responsáveis pelas escolhas das práticas e, por conseguinte, dos locais e materiais da escola que almejam se apropriar. Nesse sentido, os docentes assumem o papel de “cuidadores”.

Paradoxalmente, ao abdicar do seu planejamento e da sua prática pedagógica em função das dificuldades que encontra em trabalhar com toda a turma num mesmo local, os professores concedem relativa liberdade de escolha dos lugares e equipamentos da escola aos alunos, assim como de práticas. Dessa forma, os docentes encontram outro impasse que é o de fiscalizar os estudantes nos ambientes apropriados por estes na escola com relação a disciplina e o comportamento. Os espaços físicos, nestas circunstâncias, se transformam em locais de permanentes apropriações de alunos, e a aula, num momento de constante movimentação e circulação de estudantes pelos diversas estruturas que configuram a arquitetura escolar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS**

Observamos que as relações que os professores estabelecem com os estudantes e com a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários), de maneira geral, tem um papel relevante na ocupação dos espaços pelos docentes. Sendo assim, os professores levam em conta os desejos e as vontades dos alunos no desenvolvimento da sua prática pedagógica, e, dessa forma, delegam a apropriação dos espaços físicos escolares para os estudantes. Os professores, neste contexto, têm a função na escola de “cuidadores” dos ambientes em que os alunos ocupam. Além disso, a comunidade escolar exerce influência na apropriação dos locais e dos materiais utilizados pelos professores de EF, pois, estes últimos, procuram organizar-se nos ambientes da escola através dos acordos que firmam e dos conflitos que se envolvem.

#### **REFERÊNCIAS**

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, v. 2000, p. 136-161, 1996.

MOLINA NETO, V.. A prática dos professores de educação física das escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Movimento**, v. 5, n. 9, p. 31-46, Porto Alegre/RS, 1998.

RESENDE, H. G.. Reflexões sobre algumas contradições da educação física no âmbito da escola e alguns caminhos pedagógicos na perspectiva da cultura corporal. **Revista Movimento**, v. 1, n. 1, p. 20-28, Porto Alegre/RS, 1994.

TRIVIÑOS, A.. **Bases Teórico- Metodológicas da pesquisa em Ciências Sociais**. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter, 2001.

#### **CONTATO:**

Camila Fagundes de Oliveira  
[camislups@yahoo.com.br](mailto:camislups@yahoo.com.br)

Lisandra Oliveira e Silva  
[lisgba@yahoo.com.br](mailto:lisgba@yahoo.com.br)